



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

RAYSSA FERNANDES DAS CHAGAS

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NA LEITURA DE CHARGES

GUARABIRA-PB

2015

RAYSSA FERNANDES DAS CHAGAS

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NA LEITURA DE CHARGES

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, campus III Guarabira, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Língua Portuguesa

Orientadora: Prof. Dr. Iara Ferreira de Melo
Martins

GUARABIRA-PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C426i Chagas, Rayssa Fernandes das
A importância do letramento na leitura de charges
[manuscrito] / Rayssa Fernandes das Chagas. - 2015.
19 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins,
Departamento de Letras e Educação".

1. Letramento. 2. Práticas sociais. 3. Charge. I. Título.
21. ed. CDD 370

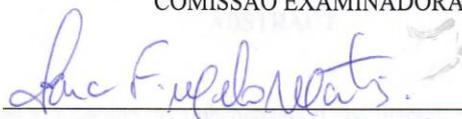
RAYSSA FERNANDES DAS CHAGAS

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NA LEITURA DE CHARGES

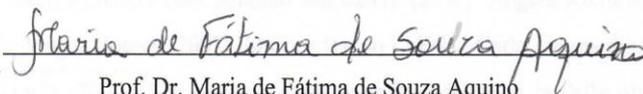
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB,
campus III Guarabira, em cumprimento aos
requisitos para a obtenção do grau de
Licenciado em Língua Portuguesa

Aprovado em 30 de junho de 2015

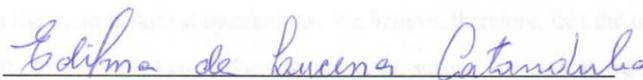
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Iara Ferreira de Melo Martins (Orientadora)



Prof. Dr. Maria de Fátima de Souza Aquino
Examinadora



Prof. Dr. Edilma de Lucena Catanduba
Examinadora

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NA LEITURA DE CHARGES

Rayssa Fernandes das Chagas

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre os processos de alfabetização e letramento e tem como objetivo mostrar a importância do letramento para a análise do gênero charge. Para dar sustentação teórica à análise, foram utilizados os estudiosos Luis Antônio Marcuschi (2006), Ângela Kleiman (2008), Ingedore Koch (2007), Magda Soares (2002), Marcos Bagno (2002), Carla Letuza Silva (2004) e Bernand Schneuwly (2004). Os gêneros textuais têm sua função no cotidiano, desta forma, o *corpus* coletado constitui-se de três charges publicadas em redes sociais, com temas diversos, confeccionados a partir das interações sócio-históricas. Acreditamos, pois, que a utilização da charge em sala de aula é um ótimo subsídio para novas práticas, como a do letramento, visto que flagramos nelas vários recursos linguísticos que permitiram extrapolar a simples decodificação, possibilitando múltiplas leituras que valoriza o conhecimento de mundo do sujeito.

PALAVRAS-CHAVES: Letramento. Práticas sociais. Charge.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 ALFABETIZAÇÃO X LETRAMENTO: um pouco de conceito	8
3 GÊNEROS TEXTUAIS: definição e função	11
3.1 AS CHARGES	15
4 ANÁLISE	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

Acreditou-se durante anos que ser alfabetizado era apenas ter conhecimento das letras do alfabeto e que esse domínio era o suficiente. Porém, hoje, a educação precisa enfrentar o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança universal, sem perder de vista, por outro lado, o conhecimento que cada indivíduo singular apresenta.

Com a criação do novo termo letramento, em oposição ao termo alfabetização, se exige que o ser humano tenha outro domínio de usos e funções da língua escrita, para que possa ter acesso a outros espaços sociais, públicos e institucionais, como o da mídia, da burocracia e da tecnologia. O letramento não é alfabetização, mas a inclui. Em outras palavras, letramento e alfabetização estão associados, como veremos.

O presente artigo está fundamentado nos estudos do letramento, enquanto prática social, de Kleiman (2008), Koch (2007), Soares (2003) e Bagno (2002) e ancorado na ideia de gênero textual de Marcuschi (2006). O trabalho em tela tem como objetivo mostrar a importância do letramento para a análise do gênero charge, acreditando que a escolha desse gênero se justifica por sua natureza verbovisual e por contemplar, de forma crítica e irônica, acontecimentos da atualidade. Foram escolhidas, portanto, três charges que abordam temas variados relacionados aos problemas do contexto sócio-histórico brasileiro.

Mostraremos, enfim, que só decodificar, como pontua o entendimento tradicional de alfabetização, é muito superficial, pois a charge é um gênero que apresenta críticas e se torna necessário que o sujeito extrapole a decodificação e compreenda quais sentidos implícitos existem no texto. Verificaremos, portanto, a verdadeira importância de um sujeito ter o conhecimento de mundo, e como a escola deve estar preparada para trabalhar com o letramento, uma vez que ela é a principal mediadora desse processo.

Na tentativa de analisar algumas charges, organizamos este artigo em quatro seções. Na primeira, revisitamos brevemente os conceitos de alfabetização e letramento. Na seção seguinte, apresentaremos uma síntese sobre gêneros textuais, enfatizando as charges, nosso objeto de estudo. Na terceira seção, faremos a análise das charges numa perspectiva interacionista que atribui à linguagem e à interação a instrumentalização na construção do conhecimento e na formação do cidadão. Na quarta, e última, seção, tecemos as considerações finais que retratam uma síntese dos principais tópicos tratados no trabalho.

2 ALFABETIZAÇÃO X LETRAMENTO: um pouco de conceito

O conceito de letramento se distingue de alfabetização. Alfabetização é um processo pelo qual se adquire habilidades de ler e escrever. Aquele que domina o código da escrita é considerado um ser alfabetizado. O letramento é, por outro lado, um processo mais amplo que a alfabetização, embora intimamente relacionado com a existência e ação do código escrito. Conforme a definição de Soares, percebemos que:

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar, ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. O sujeito letrado seria aquele que, além de saber ler e escrever sabe responder as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente. (SOARES, 2003, p. 18)

Desta forma, segundo Soares, o sujeito letrado não só necessita saber ler ou escrever, mas exercer as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive. É interessante que tenha ocorrido em um mesmo momento histórico, em sociedades distanciadas, a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita.

Assim, é no período dos anos 80 que se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil. A noção de letramento teve como ponto de partida o âmbito acadêmico “como tentativa de separar os estudos sobre o impacto social da escrita, dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita” (KLEIMAN, 2008, p 15-16). Este conceito diz respeito ao estado ou à condição assumida pelos que aprendem a ler e escrever, tanto para o grupo social em que a escrita seja introduzida quanto para o indivíduo que aprenda a fazer uso dela, a escrita traz diversas consequências: sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas. Portanto, ao aprender a ler e escrever, ao tornar-se alfabetizado e ao envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, o indivíduo passa a sofrer consequências, alterações de diferentes ordens no seu estado ou condição.

Podemos definir hoje o letramento, de acordo com esta autora, como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita. Ainda para dirimir a confusão entre os conceitos de alfabetização e letramento, Magda Soares (2003) mostra que há distinção, porém são termos não indissociáveis, vejamos:

Alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele. (SOARES, 2003, p 21)

Diante disso, vemos que a alfabetização deve ser considerada como um meio para o letramento, ou seja, uso social da leitura e da escrita. Desta forma, o letramento envolve tanto a assimilação das técnicas para a alfabetização, como um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que permite ao cidadão fazer o maior e mais eficiente uso possível das capacidades técnicas de ler e escrever, tornando-o crítico e participativo. É importante saber que o letramento extrapola a alfabetização porque o ser:

Alfabetizado nomeia aquele indivíduo que apenas aprendeu a ler e escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam. (SOARES, 2003, p 19)

Conforme Magda Soares, ao oferecer aos indivíduos condições para letramento, estamos trabalhando diversos usos da escrita e da leitura. É válido deixar claro que a criança antes mesmo de ser alfabetizada, já traz uma bagagem de práticas de letramento no mundo social que a circunda, como nos informa Soares: “folheia livros, finge lê-los brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função” (SOARES, 2003, p 24).

Diante disso, vemos que a maioria das crianças ao ir a escola, já vão com determinados conhecimentos culturais, que adquiriu no seu cotidiano familiar. Então, cabe a escola ter como objetivo continuar com esse desenvolvimento, com a preocupação de não tornar uma criança apenas alfabetizada que só sabe ler e escrever, mas sim uma criança letrada que possui habilidades de leituras e de escritas de diferentes gêneros textuais em diferentes contextos e circunstâncias. A importância de letrar crianças se torna cada vez mais extrema. Marcos Bagno faz uma criativa analogia com essa prática. Vejamos:

De nada adianta ensinar uma pessoa a usar o garfo e a faca se ela jamais tiver comida em seu prato para aplicar essas habilidades. De nada adianta, também ensinar alguém a ler e a escrever sem lhe oferecer ocasiões para o uso efetivo, eficiente, criativo e produtivo dessas habilidades de leitura e de escrita. (BAGNO, 2002, p 52)

Esse autor nos mostra, ainda, que devemos reavaliar nossas práticas escolares, evitando o ensino tradicional como a leitura decodificadora, e a mecanização das fórmulas gramaticais, pois durante anos, a escola teve esse modelo postulado de educação, no qual o aluno decorava as normas utilizadas no sistema escrito e por fim fazia uso de tudo em formas previsíveis de manifestações.

Nesse sentido, de acordo com Kleiman (2008, p.21-22), a escrita seria nesse modelo, “um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado; o processo de interpretação estaria determinado pelo funcionamento lógico interno ao texto escrito”.

Entretanto, no modelo de letramento fica claro que a criança passa a construir seu conhecimento baseada não apenas aspectos culturais, mas também por toda uma sociedade que a circunda. Este modelo está sendo cada vez mais utilizado pela educação atual, a qual admite a pluralidade das práticas letradas, valorizando o seu significado cultural e o contexto de sua produção.

Deste modo, a escola dará continuidade ao conhecimento iniciado no contexto familiar, procurando interagir ao máximo com os usos sociais da escrita. É necessário destacar que não basta uma criança saber ler e escrever, mas sim ter uma compreensão significativa sobre o que está lendo ou escrevendo para poder transpor de forma clara a decodificação, conforme mostra Soares:

O letramento permite que o sujeito interprete, divirta-se, seduza, sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se, reivindique, e garanta a sua memória, o efetivo uso da escrita garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código. (SOARES, 1998, p 112).

A autora ainda afirma que nossa sociedade encontra-se inserida na era da comunicação e informação, por isso, o ato de aprender a ler e a escrever não deverá se resumir em apenas conhecer a escrita alfabética e em suas decodificações, mas nas inúmeras formas de expressão e comunicação. Obter o conhecimento de mundo é fundamental para qualquer sujeito que queira se encaixar numa sociedade que a cada segundo se transforma.

Logo, surge a necessidade das escolas repensarem o seu papel social. Não se trata apenas de alfabetizar e sim de letrar o aluno, dando qualidade ao tempo de permanência do aluno em sala de aula, pois a partir do letramento o aluno poderá modificar os mais diversos aspectos de sua vida.

3 GÊNEROS TEXTUAIS: definição e função

O gênero textual é a forma como a língua é empregada nos textos em suas diversas situações de comunicação, de acordo com o seu uso temos gêneros textuais diferentes. Estes possuem algumas características básicas que fazem com que possamos saber em qual gênero textual o texto se encaixa. Algumas dessas características são: o tipo de assunto abordado, quem está falando, para quem está falando e qual a finalidade. Eles auxiliam “para ordenar e estabilizar as atividades comunicativa do dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2007, p 19).

Os gêneros são caracterizados “como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2007, p 19), ou seja, aparecem lado a lado com as necessidades socioculturais e as inovações tecnológicas.

Observando todo aspecto de surgimento dos gêneros, vemos como a sociedade em seu desenvolvimento está vinculada as mudanças e ampliação dos gêneros textuais. O estudo sobre o surgimento dos gêneros revela que:

Numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII A.c., multiplicam-se[...]os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. Hoje, em plena fase da denominada *cultura eletrônica*, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a *internet*, presenciamos uma explosão de novos gêneros[...] (MARCUSCHI, 2007, p 19)

Conforme Marcuschi (2007) relata a “cultura eletrônica”, principalmente a internete, propiciou o surgimento de diversas e novas formas de gêneros textuais, tanto na modalidade oral como na escrita.

O termo “gênero” designa etimologicamente, família, raça ou conjunto de seres dotados de características comuns. Por esse motivo, o vocábulo foi amplamente utilizado pela literatura e pela retórica com o intuito de identificar os gêneros clássicos: lírico, épico e o dramático. Posteriormente, o termo foi usado para o drama, a novela, o conto, o romance, etc. Hoje, é notável que passou a abranger algo muito mais amplo, como podemos observar abaixo:

Se com Aristóteles os gêneros textuais se distribuíam em três categorias e se depois passaram a dizer respeito a categorias literárias bastante sólidas que foram se ampliando e subdividindo até entrarem em crise com a crítica do romantismo à estética clássica, hoje a noção de *gêneros* ampliou-se para toda a produção textual. (MARCUSCHI, 2006, p 17)

Para esse autor, atualmente, os gêneros textuais abrangem diversas novas categorias. Assim sendo, é necessário destacar que os gêneros devem ser tratados não como modelos isolados, nem tão pouco como formas inflexíveis, mas como formas culturais e sociais que são incorporadas na linguagem, a exemplo do “e-mail”, que é um canal que envia e recebe mensagens eletrônicas.

Bakhtin *apud* Koch e Elias (2007) relata que os textos produzidos, sendo eles orais ou escritos, têm um conjunto de características relativamente estáveis; Vejamos:

[...] em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica [...] (Bakhtin *apud* Koch e Elias 2007, p 102)

Desta forma, o gênero textual se define como sendo tipos relativamente estáveis de enunciados presentes em cada esfera de troca. Possuem uma forma de composição, um plano composicional; distinguem-se pelo conteúdo temático e pelo estilo. São unidades reais e concretas da comunicação verbal.

Observando sobre o viés da comunicação, cada gênero traz em si conteúdos específicos de ensino a eles relacionados. O gênero tem a qualidade de ser um instrumento amplo, uma espécie de ferramenta complexa que se torna necessária para a produção de textos e para a compreensão. Assim, os gêneros seria um instrumento que viabiliza a materialização de uma atividade de linguagem, conforme mostra Koch:

Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereótipos, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. [...] Aprendemos a moldar nossa fala às formas dos gêneros e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início. Somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (KOCH, 2007, p 105)

Segundo a autora, a exterioridade sócio, histórica e ideológica determina as condições de produção da atividade comunicativa, ou seja, o que irá determinar a utilização de gênero será o objetivo e a necessidade do falante.

Observamos, ao longo dos anos, discussões a respeito das vantagens e desvantagens do uso gêneros como instrumento na sala de aula. Schneuwly & Dolz (2004) relatam que os

gêneros devem ser utilizados como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem. Assim sendo, os gêneros se constituem como uma alternativa metodológica que pode tornar a prática de leitura na escola mais atrativa e produtiva.

Na mesma linha de raciocínio, Koch (2007) cita questões sobre o uso dos gêneros na escola, em que estes são marcados por sua composição, conteúdo temático e estilo. A composição diz respeito à estruturação e ao aspecto formal do gênero, enquanto que o conteúdo temático ressalta às escolhas e propósitos comunicativos do autor em relação ao assunto abordado e o estilo, por sua vez, refere-se a um modo de apresentação do conteúdo. A autora argumenta que o uso de texto de forma discursiva leva o sujeito/aluno a distinção do que é adequado ou inadequado em cada prática social, estimulando a diferenciação de determinados gêneros de textos, portanto, há o conhecimento, pelo menos indutivo, de estratégias de construção e interpretação de um texto.

Desta forma, os gêneros textuais podem ser considerados a materialização das várias práticas sociais que permeiam a sociedade, articulados de tal forma que são imprescindíveis à vida em sociedade. Em síntese, os gêneros são a efetiva realização da linguagem oral ou escrita. Assim, cada sujeito aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando. No entanto, isso é algo praticamente inexistente em algumas escolas. A maioria dos professores não adotam o uso do gêneros em sala, até mesmo por desconhecimento metodológico, ou por preferir o tradicionalismo didático.

Torna-se visível, portanto, que cabe à escola redefinir suas práticas educacionais, afastando-se do modo pedagógico tradicional. É importante ressaltar que não se deve utilizar os gêneros apenas como pretexto para ensinar gramática e ortografia. E sim trabalhar com esses gêneros de forma crítica no contexto de letramento dos alunos, na sua vivência.

3.1 AS CHARGES

A charge é um gênero bastante agradável para todas as faixas etárias, porque podemos encontrar a linguagem verbal e não verbal e toda a contextualização que ele foi produzido. Ela é uma crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a percepção do desenhista. Apresenta-se tanto através de imagens quanto combinando imagem e texto e também absorve a caricatura em seu ambiente ilustrativo.

A charge surgiu no século XIX. A palavra é de origem da língua francesa e tem como significado carga, exagero. Nela é apresentada a realidade do cotidiano com auxílio de imagens e palavras, em que tem o intuito de criticar, de forma humorística e satírica. Para decodificar a mensagem contida neste tipo de texto, deve-se levar em conta o contexto sócio-político em que ela foi produzida. Por ser um tipo de texto eclético, a charge propicia a interdisciplinaridade e pode tornar-se um excelente recurso de conscientização no exercício da cidadania.

De acordo com Silva (2004), a charge pode ser definida como:

Tipo de texto que tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. A charge será alvo do estudo por trazer em uma análise superficial, implícita a história e a presença do interdiscurso. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, pra atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais e na Internet. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia. (SILVA, 2004, p 13)

Segundo a autora, a charge está ligada a necessidade que o sujeito tem de criticar algo que acontece no cotidiano. Para entender uma charge é importante estar informada do que acontece ao seu redor. A charge tem um alcance maior do que um editorial, por ser um desenho crítico, é temida pelos poderosos. Não é à toa que quando se estabelece censura em algum país, a charge é o primeiro alvo dos censores.

Este gênero tem vida útil temporária, isto é, como sempre se refere a um assunto vigente, quando o fato que a gerou é esquecido ela perde a sua força. Obviamente há assuntos que podem alimentar uma charge em todas as épocas, como exemplo: a injustiça social, a miséria, o preconceito, etc.

4 ANÁLISE

Nesta seção, vamos fazer a análise de três charges que tratam de temas diversos, e expressam problemas sociais que espelham a realidade vivida no Brasil. Podemos dizer que os diálogos presentes nas charges, em geral, são utilizados com a finalidade de denúncia e de críticas. Vejamos:



Fonte: <http://www.humortadela.com.br/>

Na charge acima, encontramos uma crítica sobre a péssima segurança pública no Rio de Janeiro, devido aos fatos que ocorreram nos últimos tempos na favela do Complexo de Alemão. Para conter, então, a onda de violência, o governo implantou as UPP (Unidades de Polícia Pacificadora) que desencadeou um clima de medo nos moradores porque os criminosos declararam abertamente guerra ao estado, polícia e toda sociedade.

A charge não se limita apenas a ironizar, mas acrescenta o cômico. Isto é verificado especialmente pelo uso de um caveirão (carro blindado da polícia) no qual os turistas querem passear, mas com segurança. O chargista mostra ao leitor sobre o crescimento da violência que se instala a cada dia e a falta de segurança com que os turistas, também, sofrem ao conhecer esta cidade.

A interpretação da charge irá requerer, daquele que lê, um conhecimento de mundo sobre os problemas que estão acontecendo socialmente. Um leitor que sabe apenas decodificar não terá como compreender esse gênero se apenas for alfabetizado. Um leitor letrado poderá entender qual a intenção do chargista e qual a opinião dele sobre o fato. Por sua estrutura, a charge torna-se um gênero bastante atrativo, pois dispõe de figuras cômicas e imagens coloridas, que promovem ao leitor uma visão crítica e atualizada da sociedade na qual ele está inserido.

Quando Bagno (2002) faz a analogia do sujeito/aluno/leitor possuir as ferramentas e não saber usá-las, ou seja, saber decodificar o texto e não compreendê-lo, se torna visível o problema vivenciado atualmente. Se o leitor apenas decodifica, ele simplesmente não

consegue entender o que está implícito e explícito no gênero e o deixa sem entender qual a verdadeira intenção do chargista.

Soares (2003) afirma que alfabetização e letramento são elementos indissociáveis e seguem o mesmo caminho, e cabe a escola interagir essas duas facetas em sua forma de ensino.

Na charge seguinte, encontramos mais um exemplo de como o letramento é importante para a compreensão da charge.



Fonte: <http://geo.blogspot.com/charge-do-desmatamento.->

Podemos perceber, nesta charge, uma crítica ao desmatamento descontrolado. Sabemos da proibição por lei dessa prática, porém não existe a vigilância correta, e assim continua ocorrendo de forma clandestina em alguns estados do Brasil.

Na leitura da charge podemos notar, como relata Koch (2007), a “metáfora do iceberg”, ou seja, a partir da pequena parte que está exposta na superfície, podemos analisar a gigantesca área que está imersa. A legalidade de se estudar a célula tronco é estendida para a legalidade de derrubar troncos de árvores. Observamos, o curioso uso do termo “tronco” que ora traz a ideia da ilegalidade ora a legalidade.

No entanto, o que existe é a ilegalidade do processo de desmatamento que se tornou um problema global, colocando em ameaça os recursos naturais, o meio ambiente e o

equilíbrio ecológico do planeta. A parte cômica e irônica da charge surgem no momento da associação à célula-tronco, que é uma ação totalmente legal e benéfica à sociedade uma vez que recupera tecidos danificados do homem.

A compreensão da charge é acionada, conforme cita Koch (2007), pela vivência sociocultural do leitor que consegue construir sentidos através do conhecimento do mundo. É nesse sentido que o letramento é tão importante, principalmente na leitura de charges, pois o aluno que adquiriu o estado de letrado, será capaz de perceber as marcas deixadas pelo autor para chegar as críticas e sátiras vinculadas nessa charge. O aluno construirá o sentido da charge, estabelecendo inferências a partir da relação entre a imagem que vê e a retomada através do conhecimento de mundo que é acionado no momento da leitura.

Vamos analisar, agora, a última charge desse artigo.



Fonte: <http://br-geo.blogspot.com/2010/04/charge-do-aquecimento-global>.

Como podemos perceber, a charge, normalmente faz uma crítica a algo interessante que está acontecendo na sociedade. No caso da charge acima, há uma sátira ao aquecimento global, mostrando que o desequilíbrio climático está tão intenso e de forma tão descontrolada que até o Polo Norte transformou-se em Sertão Nordestino e até o pinguim aderiu a linguagem dessa região ao falar a expressão “oxente”. Podemos visualizar esse cenário árido através da presença de ossos de animais e do tipo de vegetação.

Essa leitura pode ser acionada através do dito e não dito. Observamos que o letramento ajuda na compreensão das inferências/pistas deixadas pelo autor no texto e as linguagens verbal e não-verbal usadas ajudam bastante na construção do sentido textual.

O letramento, portanto, contribui abundantemente no momento da interpretação do gênero charge, uma vez que ele mostra, de forma atualizada, cômica e crítica o problema social. O aluno alfabetizado, aquele que só apenas decodifica o código, não conseguiria captar as pistas e fazer as inferências necessárias para a compreensão da mensagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito mais do que codificar, precisamos ler criticamente. Assim, conforme o exposto, refletimos, sob a luz dos estudos do letramento, a importância da inserção do gênero charge e suas implicações na formação do aluno enquanto sujeito consciente e crítico. Elegemos esse gênero, por acreditar que suas características peculiares se prestam como uma excelente ferramenta na formação crítica do aluno. Os benefícios de empregar as charges está na praticidade, pois elas necessariamente abordam situações reais de forma irônica.

O gênero charge, quando trabalhado na perspectiva do letramento desperta a criticidade e a compreensão da realidade social, possibilitando ao aluno a ampliação do seu universo, como também permite que o aluno possa se posicionar de diferentes maneiras acerca dos mais variados assuntos tratados na sociedade.

Portanto, podemos concluir que nosso objetivo foi alcançado, uma vez que, utilizando como base teórica os autores: Luis Antônio Marcuschi (2006), Ângela Kleiman (2008), Ingedore Koch (2007), Magda Soares (2002), Marcos Bagno (2002) e Carla Letuza Silva (2004) mostramos a importância do letramento na análise das charges.

Por fim, esperamos que este estudo possa servir como uma reflexão, a fim de que seja incorporado a pedagogia do letramento, pois vivemos em uma sociedade que exige cada dia mais pessoas letradas.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on alphabetization and literacy processes and aims to show the importance of literacy for analyzing the cartoon genre. To give theoretical support to the analysis, was used the researchers Luis Antônio Marcuschi (2006), Ângela Kleiman (2008), Ingedore Koch (2007), Magda Soares (2002), Marcos Bagno (2002), Carla Letuza Silva

(2004) and Bernard Schneuwly (2004). The textual genres have their function in daily life, in this way, the collected corpus consists of three cartoons published in social networks, with various themes, made from the socio historical interactions. We believe, therefore, that the use of the charge in the classroom is a great benefit for new practices, such as literacy, as we find in it various linguistic resources that led to extrapolate the simple decoding, allowing multiple readings that valued the bloke's world of knowledge.

KEY WORDS: Literacy. Social practices. Charge.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. STUBBS, Michael. GAGNÉ, Dilles. **Língua Materna, Letramento, Variação & Ensino**. 4ª ed. São Paulo: Parábola, 2002.

KLEIMAN, ANGELA. **Significados do letramento**. São Paulo 7ª ed.: Mercado das letras, 2008.

KOCH, Ingedore. ELIAS, Vanda. **Ler compreender os sentidos dos textos**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luis Antonio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luis Antonio. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: SCIR, M; GAYDECZKA, B; SIEBENEICHEI, K. (org). Gêneros textuais: reflexões e ensino. 2ª ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda Becker. **Letramento em verbete: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Carla Letuza Moreira e. **O trabalho com charges na sala de aula.** Pelotas, RGS: UFGS, 2004.

<http://br-geo.blogspot.com/2010/04/charge-do-aquecimento-global.html>

<http://www.humortadela.com.br>